COVID-19: DISCURSOS POLÊMICOS SOBRE A OBRIGATORIEDADE *VS.* (DES)OBRIGATORIEDADE DO USO DE MÁSCARA – ANÁLISE DE TEXTOS JORNALÍSTICOS

Marcelo Eduardo da Silva (UFMS e IFMS)
marcelo.eduardo@ufms.br
Sueli Maria Ramos da Silva (UFMS)
sueli.ramos@ufms.br

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é analisar a polêmica entre os discursos contrários ou favoráveis ao fim da obrigatoriedade do uso de máscaras protetivas contra a disseminação do coronavírus em meio à pandemia de Covid-19. Especificamente, pretende-se observar como estratégias linguístico-discursivas de modalizações dos dizeres alheios promovidas pela imprensa podem acarretar efeitos de sentido de subjetividade, objetividade, adesão ou desaprovação. Para tanto, são analisados títulos e primeiros parágrafos de duas reportagens sobre o tema publicadas nos *sites* de notícia Jovem Pan ("Primeiro dia sem máscara em ambientes fechados traz alívio a paulistas") e G1 ("Rosto sem máscara contra Covid: fim do uso pode ser gatilho para ansiedade e outros dilemas; veja como lidar"), em março de 2022. Aplica-se como arcabouço teórico a Semiótica Discursiva, mais estritamente a noção de espaço tensivo formado pelo encontro entre as dimensões de intensidade (do estado da alma, do sensível) e de extensidade (do estado de coisas, do inteligível). Atenta à relevância em buscar interpretar cientificamente o momento que nos afeta, nossa abordagem justifica-se pela observação sobre *corpus* recente em meio à duração de mais de dois anos de pandemia; além de partirmos da hipótese de que as análises podem contribuir para os estudos discursivos sobre a polêmica, entendendo (à esteira de Amossy) que ela pode ser compreendida como a gestão discursiva da dissensão entre valores em uma dada sociedade.

Palavras-chave:
Pandemia. Discurso jornalístico. Semiótica Tensiva.

RESUMEN

El objetivo general de este artículo es analizar la polémica entre los discursos en contra o a favor del fin de la obligatoriedad del uso de las mascarillas protectoras contra la propagación del coronavirus en medio de la pandemia del Covid-19. Específicamente, se pretende observar cómo las estrategias lingüístico-discursivas de modalizaciones de las palabras ajenas promovidas por la prensa pueden provocar efectos de sentido de subjetividad, objetividad, adhesión o desaprobación. Con este fin, son analizados los títulos y primeros párrafos de dos artículos sobre el tema publicados en los sitios de noticias Jovem Pan ("Primer día sin máscara en ambientes cerrados trae alivio a los paulistas") y G1 ("Rostro sin máscara contra Covid: uso final puede ser un detonante de ansiedad y otros dilemas, vea cómo lidiar"), en marzo de 2022. Se aplica como referencial teórico la Semiótica Discursiva, más específicamente la noción de es-

pacio tensivo formado por el encuentro entre las dimensiones de intensidad (del estado del alma, de lo sensible) y de extensión (del estado de cosas, de lo inteligible). Conscientes de la relevancia de buscar interpretar científicamente el momento que nos afecta, nuestra abordaje se justifica por cuenta de la observación de un *corpus* reciente en medio de la duración de más de dos años de la pandemia; y también de partir de la hipótesis de que las análisis pueden contribuir ax los estudios discursivos sobre la polémica, entendiendo (siguiendo a Amossy) que ésta puede ser entendida como la gestión discursiva de la disensión entre valores en una determinada sociedad.

Palabras-clave:
Pandemia. Discurso periodístico. Semiótica Tensiva.

1. Introdução

A pandemia de coronavírus, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, modificou nosso cotidiano radicalmente, seja pelo receio em sermos contaminados, seja pela incorporação de procedimentos com os quais a sociedade em geral não estava acostumada, como distanciamento social, uso de máscara protetiva, utilização de álcool em gel para higiene das mãos etc. Embora entidades médicas prescrevessem esses procedimentos, muitas pessoas passaram a negar (e ainda negam) a intensidade da doença causada pelo micro-organismo e a desdenhar as determinações sanitárias. Esse embate de opiniões pôde ser visto em veículos de imprensa, em manifestações nas ruas, em discussões nas mídias sociais e em conversas aparentemente corriqueiras vivenciadas em diversos espaços comuns como filas de caixa de supermercado, por exemplo. No instante em que se dicotomiza um debate em lados opostos[41]) que se desqualificam reciprocamente temos configurado um contexto de polêmica, que pode ser compreendido como uma "*gestão* (...) *do conflito realizada sob o modo da dissensão*" (AMOSSY, 2017, p. 12, grifo da autora).

Entendendo que os conceitos trabalhados por meio da Semiótica Tensiva podem contribuir para os estudos discursivos sobre a polêmica, utilizamos essa teoria como base das análises. Mais estritamente, utilizamo-nos da noção de espaço tensivo formado pelo encontro entre as dimensões de intensidade (do estado da alma, do sensível) e de extensidade (do estado de coisas, do inteligível) (Cf. ZILBERBERG, 2011). Atenta à relevância em buscar interpretar cientificamente o momento que

[41] Dois é o número de lados que minimamente efetiva essa dissensão, todavia, poderiam eventualmente existir mais de dois lados que se contrapõem com veemência a respeito de determinado assunto, tornando a polêmica ainda mais inquietante.

nos afeta, nossa abordagem justifica-se ainda pela observação sobre *corpus* recente em meio à duração de mais de dois anos de pandemia, já que são analisados títulos e primeiros parágrafos de duas reportagens sobre o tema publicadas em março de 2022 nos *sites* de notícia Jovem Pan ("Primeiro dia sem máscara em ambientes fechados traz alívio a paulistas") e G1 ("Rosto sem máscara contra Covid: fim do uso pode ser gatilho para ansiedade e outros dilemas; veja como lidar").

A partir desses enunciados, nosso objetivo geral é analisar a polêmica entre os discursos contrários ou favoráveis ao fim da obrigatoriedade do uso de máscaras protetivas contra a disseminação do coronavírus em meio à pandemia de Covid-19. E, como objetivos específicos, observaremos como estratégias linguístico-discursivas de modalização dos dizeres alheios promovidas pela imprensa podem acarretar efeitos de sentido de subjetividade, objetividade, adesão ou desaprovação.

O presente artigo divide-se doravante em quatro partes: "Base teórica" (item subdividido em "Semiótica Tensiva" e "Teoria da Enunciação"), "Análises" (item subdividido em "Diagramas de correlação entre intensidade *vs*. extensidade" e "O quadrado veridictório dos textos analisados"), "Considerações finais" e "Referências bibliográficas".

2. Base teórica

2.1. Semiótica Tensiva

Dissemos que nosso objetivo geral é analisar a polêmica entre discursos contrários ou favoráveis ao fim da obrigatoriedade quanto à utilização das máscaras durante a pandemia. Greimas e Courtés comentam sobre a "estrutura polêmica" (2021, p. 376). Para os autores, pode existir um carácter polêmico em qualquer narrativa:

> Mesmo nos casos em que a narratividade não está organizada como um face a face de dois programas narrativos contrários (ou contraditórios) que põe frente a frente um sujeito e um antissujeito, a figura do oponente (animado ou inanimado) surge sempre como uma manifestação metonímica do antissujeito. (GREIMAS; COURTÉS, 2021, p. 376)

Como uma polêmica pressupõe lados opostos, é cabível pensar que a argumentação faça parte dos embates. Caberia aos defensores de determinado posicionamento argumentarem retoricamente melhor para persuadir os demais. Aristóteles define retórica como "a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir" (ARIS-

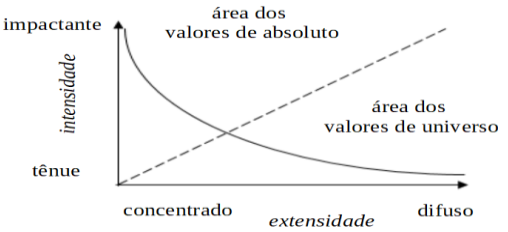
TÓTELES, 2006, p. 95). O filósofo propõe que essa persuasão se daria quando o orador seleciona um ou mais de três conceitos: *ethos*, com foco "no caráter moral do orador"; o *pathos*, no "modo como se dispõe o ouvinte"; e o *logos*, "no próprio discurso [fala], pelo que este demonstra ou parece demonstrar" (ARISTÓTELES, 2006, p. 95).

Para além das definições de *ethos*, *pathos* e *logos* propostas na *Retórica* por Aristóteles, tendências relativamente novas (advindas principalmente nos anos 2000) da Semiótica trabalham com a retórica e com noções que impactam na tomada de decisão e na defesa de um ponto de vista no sujeito e numa sociedade: o afeto, a tensão. Os conceitos sugeridos pela Semiótica Tensiva, de Claude Zilberberg (2011), são os que utilizaremos em nossas análises.

Por meio da Semiótica Tensiva temos a noção de espaço tensivo, aquele que pode ser apresentado ao mesmo tempo como sendo "um modelo hierárquico para as categorias que se supõem pertinentes e como uma representação espacial cômoda dos estados e acontecimentos que surgem no campo de presença" (ZILBERBERG, 2011, p. 253). Para melhor compreendê-lo é conveniente discutirmos o conceito de dimensão.

Segundo Greimas e Courtés, "(...) dimensão designa (...) cada uma das relações binárias constitutivas do quadrado semiótico" (GREIMAS; COURTÉS, 2021, p. 140). Zilberberg (2011) considera duas dimensões principais para formular não só um quadrado semiótico aos moldes de Greimas e Courtés, mas um diagrama em forma de gráfico com gradação de valores, sendo o eixo vertical o dedicado à intensidade (em que o acontecimento varia de tênue a impactante) e o horizontal dedicado à extensidade (em que a variação vai de concentrada a difusa), como é possível observar na Figura 1.

Figura 1: Diagrama intensidade x extensidade.



Fonte: Baseado em Zilberberg (2011, p. 90).

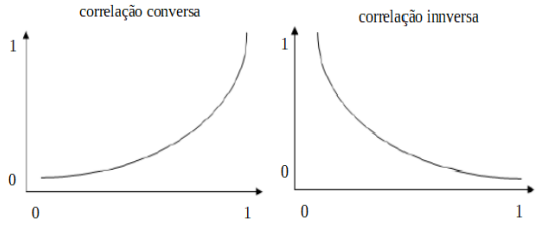
No diagrama, tanto intensidade quanto extensidade são duas dimensões, ou seja, são noções que podem abarcar graduação em grandezas. Essas grandezas (indicadas nos extremos de cada eixo) são chamadas *valores semióticos* – valores de impacto e de tenuidade, com relação à intensidade; e de concentração e de difusão, com relação à extensidade. Os *valores* desse diagrama são nomeados ainda como *de absoluto* (os vinculados à intensidade) e *de universo* (os relacionados à extensidade). Observa-se, portanto, que: a intensidade diz respeito à afetividade – isto é, a como um acontecimento, ao emergir em meio à sociedade, (re)produz nesta determinado efeito de sentido no rol "do sensível", "dos estados da alma" (ZILBERBERG, 2011, p. 242 e p. 286); e que a extensidade diz respeito "ao inteligível", "aos estados das coisas" (ZILBERBERG, 2011, p. 242 e p. 286). Por meio do diagrama, a tensividade é verificável na junção entre as dimensões de intensidade e de extensidade.

A gradação desses valores é demonstrada no diagrama por meio de uma linha que pode ser crescente ou decrescente, ou, mais precisamente, ser *conversa* ou *inversa*. Trata-se de uma relação recíproca entre os eixos de intensidade e de extensidade.

> Se for uma relação conversa, os valores de impacto e os valores de universo aumentam-se uns aos outros, *e tudo transcorre da melhor forma no melhor dos mundos possíveis…*; se for uma relação inversa, os valores de impacto diminuem proporcionalmente aos de sua extensão, de sua difusão. (ZILBERBERG, 2011, p. 92) (grifos do autor)

Para nos familiarizarmos mais com essas correlações, podemos visualizar a Figura 2.

Figura 2: Diagramas de correlação conversa e de correlação inversa.



Fonte: Baseado em Zilberberg (2011, p. 93).

Essas correlações emergem a partir de estratégias enunciativas. Na próxima seção, verificaremos como a Semiótica utiliza-se da Teoria da Enunciação para suas análises.

2.2. Teoria da Enunciação

Greimás e Courtés (2021) indicam a possibilidade de duas formas de se entender enunciação: uma como estrutura não linguística, vinculada primordialmente ao poder instrumental de atualizar um contexto de comunicação, ou seja, meramente como apontamento de referenciais do mundo; outra como uma instância linguística capaz de promover a passagem da língua (sistema) enquanto possibilidade virtual a um produto real (fala, ou discurso). "É a segunda definição que é a nossa: não sendo contraditória à teoria semiótica que propomos" (GREIMAS; COURTÉS, 2021, p. 166).

A dupla de autores citada deve essa definição a Émile Benveniste e sua Teoria da Enunciação, que introduz nos estudos linguísticos uma forma de observar a língua em sua estrutura sem apartar das análises a questão do sujeito, deixado à margem ou excluído em algumas análises que davam ênfase à imanência da língua-sistema.

Movendo-nos à clássica definição de que a "enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (BENVENISTE, 1989, p. 82), Benveniste sugere que a maneira de empregabilidade das formas estruturais[42] são diferentes da de aplicabilidade da língua. Complementando: "Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação" (BENVENISTE, 1989, p. 84).

A língua organiza-se em função de um sujeito falante que se instaura como "eu" e que instaura um "tu" (com quem fala) e um "ele" (sobre o qual se fala)[43]. Ao apropriar-se da língua, o sujeito instaura no exato momento um "agora" na marcação de tempo linguístico; momento esse que é a indicação de tudo o que é simultâneo à sua fala, marcando, dessa forma, tudo que seja anterior como passado e tudo que seja posterior como futuro. O sujeito instaura também uma terceira ordem, a de espaço, em que o ambiente (o lugar) do qual está falando passa a ser

[42] Os níveis apresentados desde o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure: fonética-fonologia, morfologia, sintaxe e semântica; bem como ainda a própria divisão binária do signo linguístico entre significado e significante.

[43] Trata-se do que Benveniste denominou de *Aparelho Formal da Enunciação*: *ego, hic, nunc (eu, aqui, agora)*. Não à toa os dêiticos são os principais acessos dentro do texto a esses elementos, sejam pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos (por exemplo, respectivamente: eu, tu e ele; este, esse, aquele; meu, teu, daquele) advérbios de tempo, lugar, etc. (por exemplo, antes, agora, depois; aqui, aí, lá) e verbos (por exemplo, sou e é).

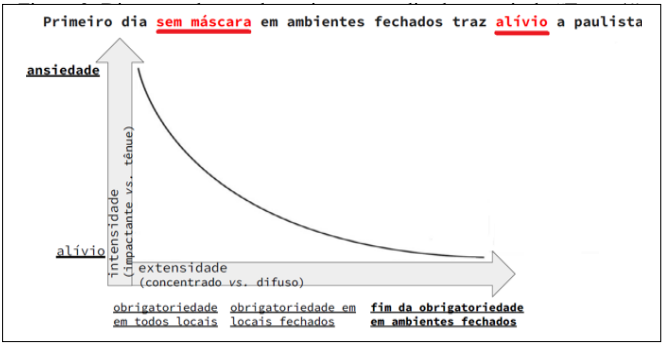
caracterizado como o seu "aqui": e, então, o local onde seu coenunciador "tu" está passa a ser o "aí" e o possível local sobre o qual podem estar falando a respeito, mas que está distante desses dois parceiros da comunicação, passa a ser o "ali" (ou "lá"). Assim, podemos afirmar que as categorias linguísticas ligadas à enunciação são, essencialmente, os dêiticos, isto é, os pronomes, advérbios e verbos. É nessa perspectiva que a Semiótica utiliza a enunciação em suas análises.

3. Análises

Lembremos dos títulos a serem analisados. Em 19 de março de 2022, a Jovem Pan publicou em seu *site* a seguinte reportagem: "Primeiro dia sem máscara em ambientes fechados traz alívio a paulistas". Esse enunciado agora é nosso "Texto 1". Em 12 de março de 2022, o *site* G1 publicou o seguinte: "Rosto sem máscara contra Covid: fim do uso pode ser gatilho para ansiedade e outros dilemas; veja como lidar". Esse é nosso "Texto 2". Sobre ambos, aplicaremos os conceitos apresentados até este momento. Dessa forma, eles serão apresentados em forma de diagrama que demonstre a correlação entre os eixos de intensidade e de extensidade.

3.1. Diagramas de correlação entre intensidade vs. extensidade

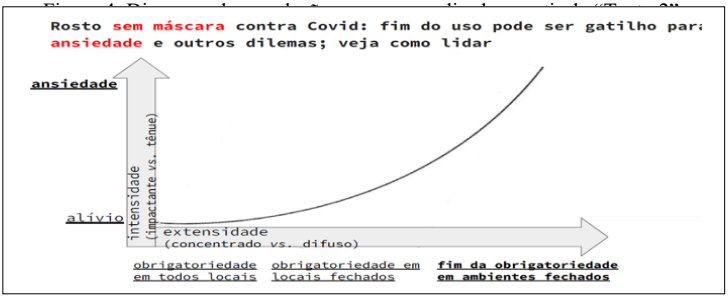
Comecemos pela apreciação do primeiro texto.



Fonte: Diagrama baseado em Zilberberg (2011, p. 93).

No "Texto 1" a gradação na vertical mostra que alívio e ansiedade estão no eixo da intensidade, ou seja, são valores ligados ao que Zilberberg (2011, p. 242 e p. 281) denomina de "estados da alma", ou na dimensão do "sensível". Na horizontal, temos a seguinte gradação: "obrigatoriedade do uso de máscara em todos os locais"; "obrigatoriedade somente em locais fechados"; e "fim da obrigatoriedade em ambientes fechados". Esses termos estão no eixo dos "estados de coisas", na dimensão do "inteligível", como diz Zilberberg (2011, p. 242 e p. 281).

Focando o eixo horizontal, observamos que quanto mais o tempo passou e mais se desobrigou o uso da máscara, menos teria sido sentida a ansiedade (visto pelo decréscimo no eixo vertical). Como são inversamente proporcionais, temos uma "Correlação Inversa", nos termos de Zilberberg (2011). Já no "Texto 2" verifica-se uma correlação diferente.



Fonte: Diagrama baseado em Zilberberg (2011, p. 93).

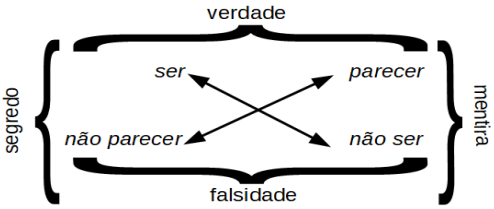
A correlação no "Texto 2" é diretamente proporcional, pois quanto mais se desobriga o uso da máscara, mais se perceberia a ansiedade. Por isso, temos uma "Correlação Conversa" em que a ascendência do eixo vertical demonstra que o impacto tornou-se maior e não mais tênue ao passar do tempo.

3.2. O quadrado veridictório dos textos analisados

Agora, analisaremos como os veículos citados produzem efeitos de sentido a partir de suas escolhas enunciativas. Para tanto, faremos uso do quadrado semiótico em sua forma veridictória, proposta por Greimas e Courtés (2021), visto que a pretensão em se parecer verdadeiro faz par-

te da retórica do sujeito que busca persuadir seu coenunciador, no nosso caso, veículo de imprensa e leitor, respectivamente.

Figura 5: Quadro veridictório.



Fonte: Baseado em Greimas e Courtés (2021, p. 403).

Relacionando os elementos do quadrado, temos: 1) se algo (seja um sujeito, objeto ou um acontecimento) encaixa-se na parte de cima ("ser" e "parecer"), ou seja, se *é* e se *parece* que *é*, pode-se afirmar que esse algo é *verdadeiro*; 2) se está na parte de baixo ("não-parecer" e "não-ser"), ou seja, se *não é* e *não parece*, tratar-se-ia de algo *falso*; 3) se está mais à esquerda ("ser" e "não parecer"), isto é, se *é* mas *não parece ser*, diríamos que esse algo é *secreto*; 4) e se está à direita ("não-ser" e "parecer") estaríamos diante de algo *mentiroso*.

Para darmos andamento às análises, leiamos novamente os títulos, agora acompanhados dos primeiros parágrafos.

Inciemos pelo "Texto 1".

> Título: Primeiro dia *sem máscara* em ambientes fechados *traz alívio* a paulistas
>
> Primeiro parágrafo: Depois de quase dois anos, Valter Souza foi pela primeira vez *sem máscara* em um shopping, na zona norte de São Paulo, e *se sentiu aliviado*. "Estava precisando dessa liberdade, né? Estou achando uma maravilha. Na verdade, em lugares abertos eu já não usava, era mais em lugares como ônibus ou metrô", disse *o profissional autônomo*. *A professora* Luana Cristina também saiu sem máscara de casa, mas confessa que em ambientes lotados deve continuar usando a proteção. "Eu sou professora, então, assim em ambientes fechados, *eu ainda acho que existe essa necessidade de usar máscara*". (JOVEM PAN, 2022) (grifos nossos)

Os termos grifados em *itálico* por nós devem ser objetos de olhar mais dedicado, pois implicam marcas implícitas de efeito de sentido de objetividade. É possível observarmos que o jornalista escreve em terceira pessoa, ou, como diz Benveniste (1976), a não pessoa. Não há indicação,

portanto, de uma subjetividade, mas, ao contrário, causa-se um efeito de sentido de objetividade com relação ao tema e ao leitor.

Outra observação que pode ser feita é que há no parágrafo inicial o uso do recurso gramatical de *discurso direto*. Com relação a isso, Authier-Revuz (1998; 2004) cunha o conceito de *heterogeneidade marcada mostrada* para determinar a indicação proposital de uma fala alheia à do enunciador no texto. É como se esse "eu" enunciador expusesse assim ao leitor: "neste instante, neste trecho exato que coloco entre aspas, não sou 'eu' jornalista/enunciador quem diz algo, mas um 'outro' que permito que fale aqui".

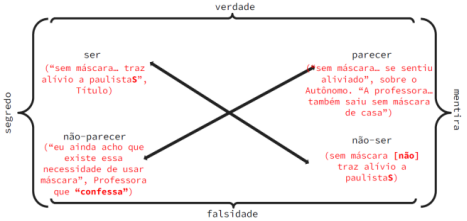
No nosso caso, o discurso direto (essa *heterogeneidade mostrada*) é usado para confirmar a afirmação do título e para dar efeito de sentido de imparcialidade (ouviu a professora, que em certo ponto discorda do que fora afirmado no título).

Pode-se comentar também que o veículo analisado busca uma adesão à afirmação de que existe alívio entre os paulistas. Novamente observando a *heterogeneidade marcada mostrada* pelas aspas do texto, podemos verificar que as falas de populares (o profissional autônomo, a professora) corroboram o título, ainda que a mesma professora mais à frente contradiga esse título: ao dizer que ainda entende existir a necessidade em usar a máscara.

Podemos observar também o uso, no título, do verbo trazer no presente do indicativo ("traz"). Isso mostra um estado consumado (a argumentação é: sem máscara, segundo o texto, há alívio).

A partir dessas escolhas enunciativas promovidas pelo enunciador, a Jovem Pan, passemos à confecção do quadro veridictório do "Texto 1". Essa construção se faz com indicações de trechos (enunciados) do texto que possam compor as partes do quadro, como visto na Figura 6.

Figura 6: Quadro veridictório a partir do "Texto 1".



Fonte: Os autores, baseados em Greimas e Courtés (2021, p. 403).

Podemos pensar qual ideia principal o enunciador quer "indicar" como sua essência, sua verdade? A ideia de que "andar sem máscara… traz alívio a paulistas", apontada já no título. Dessa maneira, colocamos essa informação no campo do "ser".

Em contraposição, indicaremos o fato de andar "sem máscara não traz alívio" como seu oposto, o "não-ser". Se defende a ideia de que "andar sem máscara… traz alívio a paulistas" em seu título, o veículo precisa escrever de forma que isso possa também parecer verdadeiro, portanto, indicaremos no campo "parecer" trechos que colaboram com essa ideia, que são: "sem máscara… se sentiu aliviado", dito pelo autônomo; e "A professora… também saiu sem máscara de casa".

Como fizemos entre "ser" e "não-ser", façamos também o preenchimento do campo contrário ao "parecer", o "não-parecer", indicando ali trechos retirados do enunciado que não corroboram com a ideia principal, sendo: "eu ainda acho que existe essa necessidade de usar máscara", dito pela professora; e "confessa", também atribuído a ela.

Então, de acordo com as relações que fizermos observando os diferentes lados, teremos um efeito de sentido específico. Cabe indicar que o título afirma que paulistas (no plural) estão aliviados, todavia, a professora *não parece* estar completamente aliviada, relembremos o que ela comenta: "eu ainda acho que existe essa necessidade de usar a máscara".

Façamos, adiante, com "Texto 2" o mesmo processo feito com relação ao "Texto 1", desde o apontamento sobre suas escolhas enunciativas até a confecção do quadro veridictório.

O "Texto 2" é este:

> Título: Rosto *sem máscara* contra Covid: fim do uso *pode ser* gatilho para *ansiedade* e outros dilemas; veja como lidar
>
> Primeiro parágrafo: Com o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras contra a Covid-19 em vários estados – em ambientes abertos, na maioria dos casos –, *o consenso geral parece ser de alívio*. Afinal, ao menos em algumas situações, não é mais obrigatório usar o item para interagir socialmente. Mas a sensação não vale para todos: *especialistas ouvidos* pelo g1 apontam que, nos últimos dois anos, a máscara cumpriu funções que vão além de proteger contra o coronavírus. Entre elas esteve o papel de agir como *barreira para evitar o julgamento alheio sobre si mesmo e até mesmo para esconder as próprias emoções*. (G1, 2022) (grifos nossos)

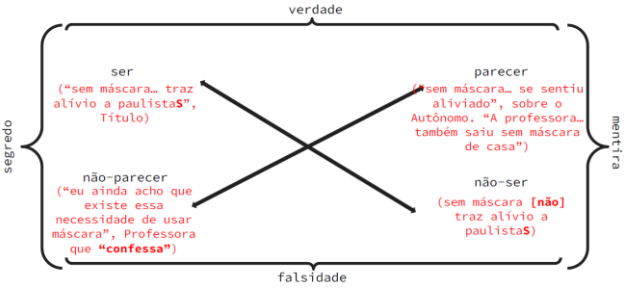
Podemos dizer que traz marcas de efeito de sentido de subjetividade, porque, na medida em que o *"eu"* enunciador diz "veja" – verbo

que destacamos no título – institui um *"tu"*. Portanto, marca um diálogo direto com o leitor, situação diversa daquela do "Texto 1".

Diferentemente do "Texto 1", no caso atual utiliza-se uma locução verbal (o "pode ser", também grifado em itálico por nós). Dessa forma, ao usar "pode" como verbo auxiliar (ou melhor, como verbo modal) e "ser" como verbo principal, há ideia de uma condicionante, ou seja, não se tem a noção de certeza de algo consumado como no "Texto 1", mas sim como uma exceção. Assim, tem-se no atual enunciado um efeito de sentido de moderação, já que é um *"eu"* comedido que fala ao *"tu"* instituído no título.

Como construímos a partir do "Texto 1", formularemos agora o quadro veridictório partindo do "Texto 2".

Fa 7: Quadro veridictório a partir do "Texto 2".



Fonte: Os autores, baseados em Greimas e Courtés (2021, p. 403).

Indicamos em "*ser*" a ideia principal do texto: "andar sem máscara pode ser o gatilho para a ansiedade". Da mesma forma, seu contrário: em "não-ser" indicamos "andar sem máscara não é gatilho para ansiedade". Em "parecer" colocamos os atributos retirados do enunciado que corroboram a ideia principal: as máscaras são "barreiras para evitar o julgamento alheio sobre si mesmo e até mesmo para esconder as próprias emoções". E em "não-parecer", aqueles trechos que não corroboram com a ideia principal: "o consenso geral [*sic*] parece ser de alívio", por exemplo. Como no "Texto 1", de acordo com as relações que fazemos observando os diferentes lados, teremos um efeito de sentido específico. Cabe, entretanto, apontar que no caso atual não há uma contradição subentendida (como a fala da professora que via "necessidade" de ainda usar a máscara), existe sim o uso de uma indicação aparentemente contraditória

com a ideia principal (na medida em que "o consenso geral parece ser alívio" "não-parece" com "ansiedade").

4. Considerações finais

Ainda em meio à pandemia de Covid-19 (decretada em 2020 pela OMS), selecionamos como *corpus* para este artigo enunciados relativamente recentes nesse transcorrer de quase dois anos, apresentando análises sobre dois textos jornalísticos publicados nos *sites* Jovem Pan ("Primeiro dia sem máscara em ambientes fechados traz alívio a paulistas") e G1 ("Rosto sem máscara contra Covid: fim do uso pode ser gatilho para ansiedade e outros dilemas; veja como lidar") que apresentam trechos polêmicos a respeito da (des)obrigatoriedade do uso de máscaras protetivas contra o coronavírus. Utilizamos conceitos da Semiótica Tensiva para atingir nossos objetivo geral – analisar os discursos que (re)produzem essa polêmica – e específico – observar como estratégias linguístico-discursivas da imprensa podem acarretar efeitos de sentido de subjetividade, objetividade, adesão ou desaprovação.

Pelas estratégias linguístico-discursivas de cada veículo pode-se inferir que: o "Texto 2" (G1) busca uma proximidade com o leitor maior do que o "Texto 1" (Jovem Pan); o "Texto 1" aparenta ser favorável ao fim da obrigatoriedade e o "Texto 2" mostra preocupação; Textos "1" e "2" trazem trechos em que não parecem verdadeiros, todavia, no "Texto 1" isso aparenta ser mais enfático.

Como analisado, essas estratégias linguístico-discursivas são vistas de acordo com a forma como cada veículo posiciona-se enunciativamente. Essa enunciação causa efeitos de sentido no leitor: de proximidade, de adesão ou de preocupação com o fim da obrigatoriedade do uso da máscara protetiva contra a Covid-19. E faz emergir junto ao leitor a percepção de verdade ou de mentira, falsidade ou segredo; o que pôde ser interpretado por meio do quadro veridictório.

A comparação entre os textos, como aparentam estar em lados opostos, acaba por acirrar os ânimos no embate polêmico sobre o uso ou não da máscara, indicando que a mídia pode contribuir não só na exposição dos debates mas para a ampliação das oposições entre os variados pontos de vistas que emergem na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Definição da Retórica e sua estrutura lógica. In: _____. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 3. ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.

AMOSSY, Ruth. *A apologia da polêmica*. Coordenação da tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: contexto, 2017.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas*: as não coincidências do dizer. Tradução de Claudia R. Castellanos Pfeifser, Gileade Pereira de Godoi, Luiz Francisco Dias, Maria Onice Payer, Mónica Zoppi-Fontana, Pedro de Souza, Rosângela Morello, Suzy Lagazzi-Rodrigues. Revisão de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Revisão e tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976. (Série Letras e Linguísticas. v. 8.).

_____. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas-SP: Pontes, 1989.

GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. Dicionário de semiótica. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

PINHEIRO, Lara; G1. Rosto sem máscara contra Covid: fim do uso pode ser gatilho para ansiedade e outros dilemas; veja como lidar. *G1*, São Paulo, 12 mar. 2022. Saúde. Disponível em: https://g1.globo.com/saude/saude-mental/noticia/2022/03/12/rosto-sem-mascara-contra-covid-fim-do-uso-pode-ser-gatilho-para-ansiedade.ghtml. Acesso em: 19 mar. 2022.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê, 2011.

Outra fonte:

JOVEM PAN. Primeiro dia sem máscara em ambientes fechados traz alívio a paulistas. *Jovem Pan*, São Paulo, 19 mar. 2022. Notícias/Brasil. Disponível em: Disponível em: https://jovempan.com.br/programas/jor

nal-da-manha/primeiro-dia-sem-mascara-em-ambientes-fechados-trazalivio-a-paulistas.html. Acesso em: 19 mar. 2022.